

o casamento ~~perfeito~~

jeneva rose

Tradução de Fernanda Semedo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a mãe

A minha maior apoiante

A minha fã mais orgulhosa

A minha memória favorita.

PRÓLOGO



Ele amava-a? Amava a forma como ela o olhava — a forma como o seu lábio inferior tremia e o seu pé vibrava quando tinha um orgasmo. Amava a forma como os longos caracóis castanhos tombavam diante dos seus olhos de corça quando o cavalgava e a forma como as suas costas esguias se curvavam num quarto crescente quando a penetrava por trás. Amava-a? Amava partes dela. Mas a questão não é se a amava. A questão é... matou-a?

SARAH MORGAN



— outra vez, não.

O desapontamento na voz dele enche o quarto e fica ali suspenso, como uma névoa leve, obscurecendo a nossa visão um do outro. Inspiro fundo, afastando a névoa, e solto o ar rapidamente, clareando novamente o caminho entre nós. Não preciso de o olhar para saber que os seus olhos estão desanimados e que os seus lábios estão firmemente cerrados. Não o censuro. Voltei a desapontar o Adam. Passo as mãos pelos cabelos, para domar alguns que se tenham soltado. Estão perfeitamente presos num coque apertado. Estão sempre perfeitamente presos num coque apertado. Visto um *blazer* branco e endireito a saia justa. Os meus olhos encontram os dele, e ficamos presos no mesmo lugar.

— Desculpa. — Baixo a cabeça, evitando o seu olhar para o atrair até mim. Ele morde o isco, avançando na minha direção, a sua estatura de um metro e oitenta e oito sobranceira ao meu corpo pequeno. Põe a mão na minha bochecha, ergue-me o queixo e beija-me suavemente nos lábios. Todos os pelos do meu corpo se eriçam. Após dez anos de casamento, o Adam ainda me provoca isto. Após dez anos de casamento, eu ainda lhe provooco isto — refiro-me ao desapontamento.

— Devíamos ter partido para a casa do lago ontem. Disseste que conseguirias ir hoje.

Interrompo o abraço e começo a arrumar a minha pasta, o sentido de responsabilidade suplantando os meus sentimentos.

— Eu sei, eu sei. Mas tenho tanto que fazer, e uma enorme alegação final para preparar.

O Adam caminha até à ombreira da porta do nosso quarto e encosta-se a ela. Cruza os braços diante do peito. Não há nada que eu queira mais neste momento do que estar enrolada nos seus braços, em vez de estar envolvida num complicado caso em tribunal, mas há coisas que nem eu posso controlar.

— Tens sempre tanto trabalho. Estás sempre a trabalhar num grande caso. — Estreita os olhos para mim, de forma brincalhona, mas, ao mesmo tempo, acusatória, como se eu estivesse agora no banco dos réus.

— Alguém tem de pagar as contas. — Lanço-lhe um pequeno sorriso. *Faz efeito.* Ele abana a cabeça tão ligeiramente que quase não noto, mas tenho de o reconhecer. Pouso as mãos nos seus ombros. Ele finge que não vai baixar-se para encontrar os meus lábios, mas sei que o fará. Não consegue resistir-me, tal como eu não consigo resistir-lhe.

Ele sorri, mas o seu jogo de forças apenas dura uns segundos antes de o seu corpo se inclinar para mim. Os nossos lábios encontram-se de novo — desta vez, mais apaixonadamente. Desta vez, as nossas bocas abrem-se, as línguas entrelaçam-se, as mãos dele sobem e descem pelas minhas costas. Nesse momento, pondero cancelar tudo. Sairei da empresa. Venderemos esta casa e mudaremos para a nossa casa do lago na Virgínia, apenas nós os dois correndo de mãos dadas para dentro do nosso conto de fadas.

Mas a realidade volta a instalar-se.

— Tenho de ir — sussurro-lhe ao ouvido enquanto me afasto. Sou sempre a primeira a afastar-se. Um dia, seremos tudo o que sempre soube que seríamos, mas esse dia não é hoje.

— Mas amanhã é o nosso décimo aniversário de casamento. — Ele franze a testa. Continua a ter aquele charme juvenil que me fez apaixonar por ele, algo que talvez me irritasse... se eu não continuasse tão perdidamente apaixonada.

— Vou tentar ir para lá amanhã. — Recuo um passo, examinando a sua expressão desapontada, o dano que causei.

Ele solta um suspiro.

— Depois de dez anos, devia estar habituado a que fizesses isto... mas não estou. — O Adam coça o queixo, como se ponderasse no que dizer a seguir. — Estou mesmo farto disto, Sarah. — Baixa a cabeça e abana-a.

Aproximo-me dele e enterro a minha cara no seu peito.

— Desculpa. Sei que te desapontei. Mas, aconteça o que acontecer,

depois de este caso estar resolvido, vou tirar uma semana de férias. Já falei com o Kent. — Ergo o olhar para ele, com olhos de corça, esperando que tenha ficado feliz com esta notícia.

Ele abre um pequeno sorriso.

— É uma promessa verdadeira ou uma promessa de Sarah?

— Oh, para — digo, batendo-lhe levemente no peito.

Ele segura-me as mãos e puxa-me para mais um beijo.

— Paro quando tu parares. — Faz um sorriso dengoso. Beijamo-nos de novo.

— Oh, já me esquecia. — Tiro do roupeiro uma pequena caixa embrulhada e mostro-lhe o meu presente. — Comprei-te uma coisa.

Ele olha para a caixa e depois para mim.

— Não era preciso — diz, aceitando o presente embrulhado na perfeição. Após o nosso quinto aniversário de casamento, tínhamos combinado que não trocaríamos mais presentes, mas não resisti. Sei que tenho sido negligente e esta é a minha maneira singela de o compensar. Ele faz uma pausa e, em seguida, começa a desembulhar o presente com cuidado. Levanta a caixa aberta para mostrar um relógio *Patek Philippe Grand Complications* com bracelete de crocodilo e mostrador dourado. Fica boquiaberto.

— Há anos que namoro este relógio... mas isto, isto é demasiado — protesta ele, admirando os pormenores e o *design* do mostrador.

— Não, não é. São dez anos de casamento. — Retiro o relógio da caixa. — Vê a gravação.

O Adam vira o relógio e passa os dedos pela gravação do número 5.256.000.

— O que é isto? — pergunta.

— O número de minutos que há em dez anos. — Planto-lhe um beijo leve nos lábios.

— Contaste?

— Estou sempre a contar. — Rio-me enquanto o ajudo a pôr o relógio. Ele estende o pulso, admirando-o.

— Isto é para eu poder registar todas as vezes que te atrasas ou me deixas pendurado? — provoca. Reviro os olhos para ele. — Estou a brincar — acrescenta.

— Não, não estás.

O Adam volta a dedicar-me a sua atenção e coloca as mãos nos meus ombros, descendo-as pelos meus braços.

— Tens razão, mas amo-te, seja como for, Sarah. — Beija-me com intensidade.

Depois de nos soltarmos de um beijo apaixonado, descemos para a cozinha, um espaço amplo e moderno, com eletrodomésticos de aço inoxidável, armários de cor creme e bancadas de granito. Pouso a pasta na ilha e procuro fruta e água no frigorífico. Pego em algumas rodela de ananás e numa garrafa de água *San Pellegrino*, o suficiente para me aguentar até mandar a minha assistente sair para o almoço.

O Adam serve duas chávenas de café e pousa uma ao lado da minha pasta *Bottega* preta. Tira o filtro de café usado da máquina e dirige-se ao caixote do lixo, abrindo a tampa com o pedal. Exatamente no momento em que vai descartar o lixo, um breve brilho de prata chama-lhe a atenção.

— Que é isto? — Baixa-se para o lixo, tirando a fonte da luminescência. Um envelope rasgado com um cartão no interior.

— A tua mãe mandou-nos um cartão pelo nosso aniversário — respondo, sem levantar os olhos do telefone.

— E tu... deitaste-o fora? — Franze a cara.

— Li-o. Tomei conhecimento. Digeri-o. Que mais querias que fizesse com ele?

Ele remove o cartão de dentro do envelope rasgado e lê-o em voz alta.

— «Nem acredito que duraram dez anos! Feliz aniversário de casamento, meus queridos Adam e Sarah. P.S.: Onde estão os meus netos? Com amor, Mãe.»

Sorri e encaminha-se para o frigorífico.

— Foi simpático da parte dela. — Começa a procurar nas gavetas um íman para segurar o seu tesouro na porta do nosso frigorífico de aço inoxidável. Reviro os olhos ao vê-lo adicionar mais um pedaço de lixo ao frigorífico.

— O que vais fazer hoje? — Mudo de assunto. Vou deixar passar esta, e por *esta* refiro-me à mãe dele. Pego na chávena de café e levo-a aos lábios. Queima, mas é um ardor agradável, como os pequenos fogos de que, por vezes, precisamos nas nossas vidas para nos lembrarmos de que estamos vivos.

— Bem, agora que não tenho senão tempo nas mãos... — diz ele com um riso enquanto observa o relógio novo. Dou uma gargalhadinha polida pela sua péssima piada. — Provavelmente vou para a casa do lago e adianto alguma escrita. O Daniel precisa de mais páginas antes de começar a promover o livro.

Assinto com a cabeça e tomo mais um gole.

— As últimas que me mandaste eram maravilhosas. O teu agente vai adorá-las. Não te esqueças de me mandar as novas.

— Falas a sério? — Ergue ceticamente uma sobrancelha.

— Falo sempre a sério... especialmente acerca de ti. — Pisco o olho.

Ele pousa a chávena de café e percorre a distância entre nós, parando atrás de mim com as mãos em cima da bancada. Enterra a cara no meu pescoço e beija-me, encostando a pélvis ao meu rabo. Rio-me como uma menina de escola.

— Vem amanhã. Só passar o dia.

— Vou tentar, mesmo que só possa passar algumas horas contigo.

— Faz mais do que tentar. Temos a casa no lago há mais de um ano, e não passaste lá mais do que uma noite.

— Disse que ia tentar. — Dou mais um gole no café.

Ele resmunga no meu pescoço.

— Por favor.

— Farei o possível para estar lá amanhã, e finalmente poderemos estreitar a casa do lago. — Recuo, de forma brincalhona, para ele. Ele aperta-me com mais força e beija-me o pescoço.

— Finalmente um plano que eu posso apoiar. — O Adam vira-me de frente para ele e percorre-me o corpo todo com as mãos.

— Obrigada por seres paciente comigo. — Empino o queixo para que os nossos olhos se encontrem, fazendo-lhe o meu melhor olhar de cachorrinho para transmitir tanta sinceridade como espero transmitir com as palavras. Ele fita-me nos olhos.

— Esperaria a vida inteira e mais algum tempo por ti. — Beija-me a testa, a ponta do nariz e depois os lábios. — Ou, pelo menos, mais 5.256.000 minutos... — Sorri. — Agora, corre para o trabalho, para depois poderes correr para mim. — Dá-me uma palmadinha brincalhona no rabo, como se eu fosse entrar em campo para um jogo de futebol.

Pego na mala e avanço para a porta. Digo-lhe que o amo.

— Eu amo-te mais — diz ele.

ADAM MORGAN

Os meus dedos batem no teclado mais algumas vezes, enquanto o Sol deixa o seu último rasto de luz deste lado do mundo por hoje. Uma brisa faz restolhar as árvores, libertando-as das suas cores de outono, enquanto a ondulação suave da água do lago lambe gentilmente a margem. Guardo o trabalho que fiz durante o dia e fecho o portátil — três mil palavras terão de bastar. Atiro os óculos de leitura com aros pretos para cima da secretária e passo as mãos pelo meu cabelo castanho-cinza, afastando-o da testa. Massajo um pouco as têmporas para aliviar uma dor de cabeça persistente, fruto da tensão, e solto um suspiro profundo. Enquanto estico os braços e reviro o pescoço, um esquilo preto que corre pelo pátio chama-me a atenção. Não é que nunca tenha visto um esquilo preto, mas é uma visão rara e exige ser observada e notada. Olho pela grande janela atrás da minha secretária enquanto a criatura saltita de um lado para o outro em busca de comida, completa no seu sentido de propósito e direção.

A casa do lago fica a uma hora de distância da nossa casa nos arredores de Washington, D.C., mas bem podia ficar noutra planeta. É uma terra verdejante que os nossos antepassados reconheceriam, ao contrário da monstruosidade de betão, infestada por buzinas, que faz o papel da capital da nossa nação. Fica a uma distância suficiente da cidade para garantir que não haja visitas inesperadas, mas, ao mesmo tempo, suficientemente perto para que eu possa lá ir sempre que preciso de estar sozinho — ou acompanhado, já agora.

Uma cabana isolada no lago Manassas e rodeada por bosques, no condado de Prince William, na Virgínia, era exatamente o que a minha carreira de escritor precisava, ou pelo menos foi assim que vendi a ideia à Sarah. Até há um ano, andava com dificuldades em pôr as palavras no papel, até que comprámos esta segunda casa. Ela abriu-me um mundo novo, um mundo em que eu podia escrever, um mundo cheio de desejos possíveis de alcançar, um mundo em que podia viver sem sentir a pressão constante de não ser suficientemente bom. A beleza natural do ambiente à minha volta refletia-se no meu trabalho e, neste mundo, senti-me renascido.

A madeira está tão presente no *design* da casa que parece que penetramos no interior de uma árvore e não numa habitação humana. A sala, de conceito aberto, tem grandes janelas de sacada que dão para o lago e uma enorme lareira adornada com várias pedras coloridas. Um grande tapete de pele de urso completa a área de estar e serve como ponto central que a separa da cozinha.

Granito marmoreado em tons de verde-floresta cobre tanto a ilha da cozinha como os tampos das bancadas; em cima e em baixo, há armários de pinho que foram tingidos até adquirirem um tom rico de madeira, quase cor de caramelo. Ao lado da área de estar, a menos de três metros da lareira, junto às janelas de sacada, está a minha secretária. Permite-me uma visão perfeita de tudo o que a natureza tem para oferecer nestes confins dos bosques e concede-me a liberdade de não me sentir preso num pequeno escritório.

Não foi preciso muito para convencer a Sarah de que devíamos comprar esta casa distante da nossa. Acho que ela sentia que eu andava à deriva — mentalmente, emocionalmente... ou talvez apenas quisesse mostrar-me que podia comprá-la. Para me recordar, mais uma vez, do seu domínio financeiro sobre mim, empunhando-o como uma demonstração de poder. Fosse qual fosse a razão, consegui a casa, por isso, que importa?

Era para ser o nosso refúgio, mas, na verdade, é apenas o meu. Perdi a conta ao número de vezes que a Sarah prometeu que viria comigo passar um fim de semana e depois cancelou. Este fim de semana não foi exceção, apesar de ser o décimo aniversário do nosso casamento. Tinha esperança de que ela conseguisse vir só para passar o dia, mas telefonou há pouco, a dizer que tinha de voltar ao escritório. Também disse que me amava. Diz sempre que me ama. Estendo o pulso, admirando o meu relógio novo. Dizer que é caro, é pouco. Apesar do preço, foi um presente atencioso. É assim a Sarah: sempre atenciosa, mesmo que nunca esteja presente.

Sempre senti que a Sarah estava a conquistar o mundo enquanto eu apenas me esforçava para viver nele. Era esta a mulher que ela queria ser, uma força da natureza, uma protagonista num espetáculo onde eu, por acaso, fazia parte do elenco secundário. Nem sempre foi assim. Conhecemo-nos quando eu estava no terceiro ano da faculdade na Duke e ela no primeiro. Ela estudava Ciências Políticas, eu estudava Literatura. Nessa altura, ambos sonhávamos com a grandeza. A Sarah queria ser uma advogada de sucesso, eu queria ser considerado um dos grandes escritores da nossa geração. Quinze anos depois, um de nós continua à espera.

Bem, suponho que o sucesso passou fugazmente por mim, foi-se embora com a mesma rapidez e ainda não voltou. É isso que os sonhos têm de engraçado: acabamos sempre por acordar deles. O meu primeiro livro foi um êxito, não de um ponto de vista *mainstream* ou comercial, mas de uma perspectiva literária. Um crítico até me chamou «o próximo David Foster Wallace», o que me agradou. O livro ainda conta com um culto de seguidores fiéis, e acreditei que conseguiria replicar o seu sucesso. No entanto, os livros dois e três fracassaram a todos os níveis, incluindo o literário. Surpreende-me que o meu agente tenha continuado a apostar em mim, e tenho a certeza de que, se o livro em que estou a trabalhar não for um êxito, serei despedido sem demora.

Provei uma pequena amostra de triunfo, mas não cumpri exatamente os meus sonhos. O sonho da Sarah era tornar-se advogada de defesa criminal, uma das melhores. Não é apenas uma das melhores: é a melhor — como eu sempre soube que seria. Só nunca pensei que fosse ressentir-me tanto dela por causa disso.

Mas, como disse, nem sempre foi assim, e quando digo *assim*, refiro-me a fugir para a nossa segunda casa sempre que posso, enquanto ela praticamente vive no seu escritório. Afinal, ninguém se torna o melhor advogado de defesa criminal por amar o marido.

Poder-se-ia pensar que viver na solidão e chafurdar na minha própria autopiedade me tornaria um grande escritor, como um Thoreau ou um Hemingway dos tempos modernos. Porém, até ao momento, tenho todo o consumo de álcool de Hemingway, mas nenhum sucesso a acompanhá-lo.

A Sarah tem o seu trabalho e eu tenho o meu, e houve um tempo em que nos tínhamos um ao outro, mas esse tempo já passou.

Conhecemo-nos numa festa, um verdadeiro golpe de sorte, pois a Sarah não costumava ir a festas, como me disse mais tarde naquela noite. Preferia muito mais ter a cara enfiada num livro do que estar rodeada por

corpos suados e hormonais na cave de uma residência universitária — mas ali estava ela, a um canto, bebendo casualmente cerveja barata de um copo descartável, parecendo mais deslocada do que uma freira num bordel. Mantinha um sorriso parcial, tentando disfarçar o desconforto, mas a sua linguagem corporal denunciava-o. Estava encostada a uma parede, uma perna cruzada diante da outra, o copo descartável pairando perto dos seus lábios, enquanto observava a festa, com um braço cruzado diante do peito e a mão apoiada sob o outro. Estava a tentar fazer-se o mais pequena possível, confundindo-se com o cenário, passando despercebida. Porém, para mim, era a única pessoa naquela sala.

O seu cabelo louro pela altura dos ombros praticamente refulgia sob as luzes negras, um clássico de qualquer festa universitária em meados da primeira década dos anos 2000. Os seus olhos verdes, salpicados de amarelo, continham todo o mistério do mundo. O seu corpo esguio estava coberto por uma *T-shirt* branca, justa, e umas calças de ganga largas. Alguns centímetros da sua barriga espreitavam, e eu não conseguia tirar dali os olhos. Um vislumbre da sua pele branca como leite excitou-me mais do que me excitara o corpo da minha ex completamente nu. Observei-a. Estudei-a. Antes sequer de lhe ter dito uma palavra, memorizara cada uma das suas curvas, cada linha e cada sarda que conhecera naquela cave sombria. Imaginei como seria por baixo da roupa e descobriria mais tarde que o que imaginara estava errado. O corpo dela excedia os limites da minha imaginação. Ela era perfeita, algo que eu não podia conceber nem compreender.

Só uma hora depois, quando os seus olhos finalmente se cruzaram com os meus, é que consegui arranjar coragem para ir falar com ela. Eu era como uma torre sobranceira ao seu corpo pequeno e delicado, mas, desde o início, ela parecia maior do que eu, e sabia que, assim que o percebesse, tornar-se-ia uma força imparável.

Ao princípio, ela foi um pouco distante, respondendo com monossílabos. Perguntei-lhe o nome. Disse-me que era Sarah. Perguntei-lhe com quem estava ali. Apontou uma morena inebriada que se roçava num rapaz na pista de dança. Perguntei-lhe se queria dançar. Disse que não. Disse-lhe que era linda. Encolheu os ombros. Disse-lhe que me chamava Adam. Bebeu um gole de cerveja. Perguntei-lhe o que estudava. Deu uma palmadinha na cerveja, indicando que precisava de outra, e começou a afastar-se. Peguei no copo dela e despejei o meu todo dentro dele. Ela sorriu-me, pegando no copo e voltando à sua posição encostada à parede.

— Suave — disse quando deu um gole.

Encostei-me à parede ao lado dela, e ficámos em silêncio durante o que pareceram horas. Desde o início, com Sarah, tudo parecia durar para sempre. Ela bebia cerveja de forma casual enquanto observava a festa e mantinha um olho na amiga embriagada. Fingi que também examinava a sala, mas o meu foco estava só nela. Ao minuto dezanove, a amiga da Sarah avisou que se ia embora com o rapaz no qual se roçara toda a noite. As palavras saíam-lhe entarameladas, os olhos estavam baços e o cabelo caía-lhe sobre a cara enquanto segurava a mão do homem ao qual não tardaria a ceder completamente. A Sarah não parecia satisfeita, mas disse-lhe para se divertir e lhe telefonar de manhã. Foi o máximo que lhe ouvi dizer durante toda a noite. A Sarah permaneceu composta, bebendo casualmente a sua cerveja.

Ao minuto vinte, acabou a cerveja e atirou o copo para o chão sujo da cave, pontapeando-o para um canto. Ficou ali um pouco mais, os seus olhos a percorrerem a festa e, depois, a fixarem-se em mim. Mexeu-se um pouco, visivelmente desconfortável, e eu não sabia se estava a aproximar-se ou a afastar-se.

Ao minuto vinte e um, decidi descobrir e perguntei-lhe se queria sair dali. Disse que sim. Quando a levei em segurança até ao seu dormitório, esperava dar-lhe um beijo na bochecha e desejar-lhe boa noite. A Sarah não parecia o género de rapariga que cede aos seus impulsos. Quando me inclinei para lhe dar um beijinho na bochecha, ela puxou-me para dentro, arrancou-me as roupas e soprou e arquejou *sins* suspirados durante o resto da noite.

Três anos mais tarde, pedi-a em casamento e ela disse «sim» novamente. E, embora ela tenha dito «sim» inúmeras vezes desde então, acho que foi a última vez que ela realmente quis dizer isso. Se ela não tivesse sido consumida pela faculdade de Direito e, depois, pela prática da advocacia, acho que nós teríamos sido...

O vento fecha a porta da frente com um estrondo. Sobressalta-me apenas por uma fração de segundo, mas sei que é ela. Mesmo sem a ver, sei que as suas sardas estão proeminentes depois de um dia de trabalho na esplanada do café. Sei que os seus olhos castanhos de corça estão iluminados — cheios de esperança e alegria. Sei que o seu longo cabelo despenteado está por baixo de um gorro que ela própria tricou no princípio deste outono. Sei que, quando tirar aquele gorro, continuará a parecer bonita sem esforço, com o cabelo desganhado e tudo. Sei que estará sem *soutien*, usando

um *top* justo e uma saia escura muito curta. Sei que a cintura da camisa estará amarrotada no sítio onde o avental esteve durante todo o dia. Sei que vai sorrir quando me vir, e que tardarei menos de sessenta segundos a estar dentro dela.

— Querido, trouxe bolos que sobraram do café — grita do vestíbulo.

Ouço-a tirar os sapatos, as meias pelo joelho e o casaco. Tiro dois copos do bar. Sirvo uísque em ambos e, no momento em que ela entra, estou a estender-lhe uma bebida. Com uma pequena vibração no andar, tira-me o copo da mão, bebe-o e volta a pousá-lo no bar. O calor da lareira de pedra aquece-lhe a pele, e noto que a pele de galinha nos seus braços acalma.

Antes de eu poder dar um segundo gole, ela está a desabotoar e a abrir o fecho das minhas calças. Ajoelha-se e olha-me com um sorriso diabólico.

Deixo tombar as pernas dela na cama e vou à casa de banho, fechando a porta atrás de mim.

Ainda a ouço ofegar do outro lado da porta, tentando recuperar o controlo da respiração. Ouço-a gemer e espero que seja de êxtase e não de dor. Às vezes, levo as coisas demasiado longe — é como se desmaiasse e, ao recuperar os sentidos, percebesse o erro das minhas atitudes. Não consigo controlar-me. É o efeito que a Kelly tem em mim. Quando estou com ela, os meus instintos animais dominam.

A Sarah costumava ter esse efeito. Mas agora, na sua presença, mal sou um homem, quanto mais outra coisa qualquer.

Vejo-me ao espelho. Uma sombra de barba tomou conta do meu rosto e o meu cabelo está despenteado. Os meus olhos, normalmente azuis, estão enevoados de vermelho. Só consigo olhar para mim durante uns segundos antes de ter de desviar o olhar. Não tenho vergonha de quem sou, mas também não tenho orgulho. Atiro alguma água para a cara e depois para o peito, abdominais e pénis. Estou demasiado cansado para tomar duche. Enxugo-me com uma toalha.

— Fofa? — grita a Kelly do quarto.

— Sim, querida? — respondo enquanto começo a lavar os dentes.

— A tua mulher mandou-te uma mensagem.

Cuspo a pasta de dentes para o lavatório e enxaguo a boca, limpando os lábios com a mão. De volta ao quarto, as luzes estão agora acesas e a Kelly está sentada na cama, em camisa de dormir, segurando o meu telemóvel. Sorri-me.

— O que é que diz? — Enfio umas calças de pijama *Ralph Lauren*.

— Quer saber o que estás a fazer.

Sento-me na cama ao lado dela, puxando-lhe os longos cabelos castanhos para trás. Beijo-lhe gentilmente o pescoço e o ombro.

— Diz-lhe que estou prestes a foder novamente a rapariga dos meus sonhos — sussurro. A Kelly ri-se e começa a responder à mensagem.

— Os teus desejos são ordens. — Ri-se. Brinca-lhe o telefone e levanto-me da cama. Escrevo rapidamente:

Como não conseguiste vir ter comigo, volto esta noite para te ver. Não fiques acordada à minha espera.
Amo-te.

Antes de ter tempo de pousar o telefone, a Sarah responde.

Também te amo. Consegui ler as novas páginas que enviaste ao almoço, e são incríveis. Tenho tanto orgulho em ti. XOXO.

Sorrio por um momento, antes de uma vaga de culpa me inundar. Suspiro.

És a melhor, querida. Deixa-me levar-te a jantar amanhã à noite. Diz que sim.

O meu telefone vibra.

Sim.

Por vezes, tenho um vislumbre de quem costumávamos ser e acho que podemos voltar a ser esse casal. Mas fiz demasiadas asneiras para que isso volte a acontecer, e a carreira da Sarah esteve sempre em primeiro lugar — antes de mim, antes de uma família, antes de tudo. Não prevejo que isso mude.

Pensei que, quando tivéssemos filhos, ela abrandaria, mas há cinco anos disse-me que não queria filhos. Pensei que conseguia fazê-la mudar de ideias. Não consegui.

Pouso o telefone na cómoda e ligo-o ao carregador. Olho para a Kelly,

que me está a fazer olhos de cama. Nunca se farta de mim, e eu nunca me farto dela. Mas sei que isso não será sempre assim. Houve um tempo em que eu e a Sarah também não conseguíamos fartar-nos um do outro. Esse tempo passou há muito. Ocasionalmente, esses sentimentos voltam à superfície, mas são fugazes e normalmente induzidos pelo álcool ou por algum tempo separados. Não me interpretem mal, amo a Sarah. Se não a amasse, já a teria deixado há muito tempo. É a esse amor que me agarro — não ao dinheiro, à segurança ou às casas. A Kelly dá-me o amor que a Sarah já não pode dar. Ambas me completam. Sei que é doentio, mas é verdade. Preciso de ambas.

— Alguma vez vais falar de nós à tua mulher?

— Alguma vez vais falar de nós ao teu marido? — riposto.

Ela suspira e cruza os braços diante do peito.

— Não é a mesma coisa. — A sua voz é quase um sussurro.

Saio do quarto e volto com dois copos cheios de uísque, entrego-lhe um e sento-me. Ponho um braço à volta dela e puxo-a para junto de mim, dizendo-lhe que sei disso. Ela solta um soluço suave e silencioso e, assim que o choro lhe sai do corpo, ela contém-no, recompondo-se. Dá um grande gole de uísque e nem sequer estremece com o ardor. Encosta-se a mim. Ficamos ali sentados em silêncio, a beber os nossos copos de uísque, presos em casamentos sem amor, onde estamos em segundo lugar para os nossos cônjuges. Quando eu e a Kelly estamos juntos, estamos em primeiro lugar. Volto a encher os copos mais duas vezes, e temos sexo de novo. Desta vez, não a fodo — faço amor com ela.

SARAH MORGAN

Estou a examinar processos, os papéis deslizando e caindo como a neve de uma avalanche recente. Tinha planeado ir ao escritório só por algumas horas para me preparar para a semana, mas aqui estou eu, bebericando o meu café de doze horas, com círculos de gordura a flutuar à superfície para me lembrar de que é velho. O meu gabinete fica no décimo quarto andar, o mais alto que se pode atingir em Washington, D.C., sem erigir um falo maior do que o do Sr. Washington. Tem janelas do chão ao teto, é um dos maiores da empresa e ninguém questionaria os motivos para me ter sido atribuído.

Com vários casos de grande visibilidade e mais vitórias do que qualquer outro advogado aqui, mais do que mereço o meu lugar de sócia nominal na firma Williamson & Morgan. Coço a testa com as pontas dos dedos, massajando lentamente as têmporas, como que a procurar devolver-me a um estado de paz e normalidade. Tiro os óculos de leitura e pouso-os na secretária com estrondo para pontuar a minha frustração. O relógio no meu telefone marca 20h04. Um suspiro exasperado sai-me da boca, como que para a audiência inexistente no meu escritório perceber o quanto estou exausta.

Envio uma mensagem rápida ao Adam:

Desculpa, queria mesmo estar contigo hoje.
Tenho saudades tuas.

Pouso o telefone na secretária. Tiro o garfo de cima da caixa de esferovite e espeto-o na comida chinesa que aguarda há horas. Dou algumas garfadas rápidas e, em seguida, atiro tudo para o caixote do lixo. Tenho o cabelo preso num coque na nuca, todos os fios no seu exato lugar, apesar de estar a trabalhar há treze horas. Arrumo a secretária, que está completamente desorganizada, ao contrário do que é habitual na minha vida. Com datas de tribunal e depoimentos a aproximarem-se, terei de aguentar alguma confusão. Olho pela janela do escritório, admirando as luzes da cidade, os carros movendo-se em sincronia, as pessoas de um lado para o outro, desfrutando das poucas horas que restam do fim de semana.

— Anne, ainda estás aqui? — chamo.

A porta do gabinete abre-se e a minha assistente de ar doce espreita. É uma mulher pequenina com cabelos castanhos pelos ombros e, embora não faça virar cabeças, é bonita de uma forma discreta. Os seus olhos, apesar de mortiços, iluminam-se e ela sorri-me, pronta e ansiosa por agradar. Embora eu seja a única pessoa no escritório neste momento, não é invulgar que Anne comece a trabalhar assim que me vê enviar *e-mails*.

— Sim, Dr.^a Morgan.

Pouso as mãos na secretária e dirijo-lhe um sorriso empático.

— Anne, quantas vezes tenho de te dizer? Lá por eu trabalhar uma quantidade ridícula de horas, isso não significa que tenhas de fazer o mesmo. E que história é essa de *Dr.^a Morgan*?

— Desculpe, Dr.^a... — começa ela, mas detém-se quando estico a mão e me levanto. Aproximo-me da Anne. O escritório tem alcatifas fofas que eu própria escolhi por serem incrivelmente macias sob os meus pés descalços. Esforcei-me para criar um ambiente acolhedor, com um sofá confortável e um cadeirão reclinável, uma mesa de centro, almofadas, uma estante cheia de livros — tanto para trabalho como para lazer — e belas obras de arte nas paredes. Este escritório é a minha segunda casa, já que nos últimos oito anos passei mais tempo aqui do que na minha própria casa. Até mandei colocar uma passadeira de corrida, que está num canto, virada para o Monumento a Washington.

Chego junto da Anne e pouso-lhe uma mão no ombro.

— Anne, trabalhas para mim há cinco anos. Almoçamos juntas todas as sextas-feiras. De vez em quando, tomamos um copo depois do trabalho. Viajas comigo em serviço. Já estiveste em minha casa várias vezes. Em primeiro lugar, és minha amiga, e só depois minha funcionária. Por amor de Deus, não voltes a chamar-me Dr.^a Morgan.

A Anne abana a cabeça e sorri. Passa por mim e deixa-se cair no sofá.

— *Ugh*, desculpa. Tenho estado também a trabalhar como assistente para o Bob desde que a secretária dele se demitiu. Ele exige que eu o trate por Dr. Miller. Tornou-se um hábito. — Massaja a testa.

Sento-me ao lado dela e pouso os pés descalços na mesa de centro, suspirando e soltando o cabelo do coque apertado. A Anne tira os sapatos de salto e coloca os pés ao lado dos meus na mesa. Partilhamos um olhar de solidariedade e compreensão. Apesar de sermos diferentes uma da outra em quase todos os aspetos, somos iguais na essência. Duas mulheres a tentar singrar num mundo de homens. Trabalhamos o dobro dos nossos colegas do sexo masculino só para conseguirmos ficar um passo à frente deles.

— Isso é porque o Dr. Miller é um idiota. Vou garantir que ele tenha uma secretária nova até ao fim da semana e, se a próxima não resultar, tratarei de que ele também não trabalhe aqui — digo com uma gargalhada, embora fale completamente a sério. O Bob é um advogado razoável, mas tem um ego enorme e nenhum respeito pelas outras pessoas, a menos que tenham mais dinheiro ou poder do que ele.

— Obrigada, Sarah. És demasiado boa para mim.

— Não, tu é que és demasiado boa para mim.

— Sabes quem é que não é demasiado bom para ninguém? — pergunta a Anne.

— Quem?

— O Bob.

Rimos ambas, e sabe bem. Tenho estado enterrada em processos judiciais durante uma eternidade. Sinto falta disto. Sinto falta de simplesmente descontraír sem o peso do mundo nos ombros ou a vida e o futuro de alguém nas minhas mãos.

— Oh, queria mostrar-te isto. — A Anne pega no seu telemóvel. Abre a aplicação das fotos e desliza o dedo no ecrã algumas vezes.

Tiro-lhe o telefone das mãos e observo cada uma das fotografias — um homem a atravessar a rua, uma mulher a subir os degraus do Lincoln Memorial, um falcão a descer sobre um lago, uma criança com os olhos erguidos para o Monumento a Washington.

— São lindas, Anne. Tens muito bom olho — digo, admirando cada uma das fotografias.

— Obrigada; é só um passatempo.

— Devia ser mais do que um passatempo. És muito talentosa.

Ela cora e cerra firmemente os lábios enquanto lhe devolve o aparelho.

O meu telemóvel vibra. Levanto-me e dirijo-me à secretária, respondendo rapidamente à mensagem do Adam. Tenho saudades dele. Tenho saudades de nós. Trocamos mais algumas mensagens e quando percebo que ele voltará tarde, está decidido.

— Vamos sair e beber uns copos — digo.

— Tens a certeza? Tens de entregar as alegações finais amanhã de manhã. — Consigo ver a esperança nos seus olhos, do ponto de vista de uma amiga que quer o melhor para mim, e o desconforto do ponto de vista de uma funcionária que também quer o melhor para mim.

— Sim, tenho a certeza. — Sorrio.

A Anne bate as palmas.

— Vou chamar um *Uber*. — Levanta-se, volta a calçar os sapatos de salto alto e avança para a porta do meu escritório, com um leve saltitar nos passos.